



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ
CAMPUS BINACIONAL-OIAPOQUE
CURSO LETRAS PORTUGUÊS/FRANCÊS**

**MARIA DOLORES PANTOJA PEREIRA
RIANE FERREIRA GONÇALVES**

**GRAMATICALIZAÇÃO DA CONSTRUÇÃO BEM AÍ: UMA ANÁLISE
DE FUNÇÕES TEXTUAIS/DISCURSIVAS PELO VIÉS DA
LINGUÍSTICA FUNCIONAL CENTRADA NO USO**

Oiapoque/AP
2018

MARIA DOLORES PANTOJA PEREIRA

RIANE FERREIRA GONÇALVES

**GRAMATICALIZAÇÃO DA CONSTRUÇÃO BEM AÍ: UMA ANÁLISE
DE FUNÇÕES TEXTUAIS/DISCURSIVAS PELO VIÉS DA
LINGUÍSTICA FUNCIONAL CENTRADA NO USO**

Trabalho de Conclusão de Curso submetido ao curso de Letras- Português/Francês, Campus Binacional de Oiapoque da Universidade Federal do Amapá, como requisito para obtenção do Grau de Licenciatura plena em Letras-Português/Francês.

Orientador: Prof. Msc. Anderson Monteiro Andrade

Oiapoque/AP
2018

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Biblioteca do Campus Binacional da Universidade Federal do Amapá

P434g Pereira, Maria Dolores Pantoja.
 Gramaticalização da construção bem aí : uma análise de
 funções textuais/discursivas pelo viés da linguística funcional centrada
 no uso
 / Maria Dolores Pantoja Pereira ; Riane Ferreira Gonçalves. - 2018.
 37 f.

 Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Coordenação do
 Curso de Letras Frânces - Universidade Federal do Amapá Campus
 Binacional, Oiapoque, 2018.

 Orientador Prof. Me. Anderson Monteiro Andrade

 1. Bem aí. 2. Gramaticalização. 3. Funções textuais/discursivas.

CDD 469.5

MARIA DOLORES PANTOJA PEREIRA

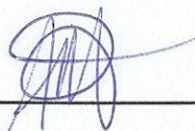
RIANE FERREIRA GOLÇALVES

GRAMATICALIZAÇÃO DA CONSTRUÇÃO BEM AÍ: UMA
ANÁLISE DE FUNÇÕES TEXTUAIS/DISCURSIVAS PELO VIÉS
DA LINGUÍSTICA FUNCIONAL CENTRADA NO USO

Trabalho de conclusão de curso submetido à banca examinadora como requisito para
obtenção do Grau de Licenciatura em Letras- Português/Francês.

Data: 06 / 04 / 2018

BANCA EXAMINADORA



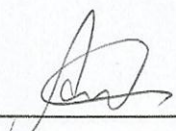
Prof^o. Msc. Anderson Monteiro Andrade (UNIFAP)

(Orientador)



Prof^o. Esp. Max Silva do Espírito Santo (UNIFAP)

(Examinador)



Prof^o. Esp. Antônio dos Santos Leonel (UNIFAP)

(Examinador)

Aos nossos filhos (as): José Nazareno Rodrigues
Junior e Sarah Sophia Ferreira Gouvêa.

AGRADECIMENTOS

À minha mãe Maria do Carmo Pantoja e amigos Valéria Cunico Leal e Francisco Leal que proporcionaram a tranquilidade e a paz para que eu pudesse traçar este caminho com garra e determinação.

Ao meu esposo Antônio Mauricio Brasil, pessoa decisiva na minha formação, que não mediu esforços para ficar com minha filha todas as noites para que eu pudesse continuar nesta trilha.

Aos nossos professores do curso Letras Português/Francês que ficaram conosco durante esses quatro anos, tempo que possibilitou a concretização de vários trabalhos acadêmicos, assim como muitos momentos de alegria e felicidades. Agradecemos, especialmente, ao nosso Orientador/Mestre Anderson Monteiro Andrade que há quatro anos já tínhamos a certeza de que seria o nosso orientador de conclusão de curso, fato este hoje confirmado.

A língua não constitui um conhecimento autônomo, independente do comportamento social, ao contrário, reflete uma adaptação, pelo falante, às diferentes situações de comunicação.

(FURTADO DA CUNHA, 2011)

RESUMO

O presente trabalho propõe-se a analisar a construção **bem aí** utilizada em situações concretas da fala, sobretudo entre falantes do Estado do Amapá. Para tanto, a observação que traçamos está ancorada nos postulados da linguística funcional que tem como objetivo analisar os usos efetivos que os falantes empregam. Nesse sentido, nosso objetivo gira em torno de uma observação que coloca em evidência as possíveis funções textuais/discursivas dessa construção na comunicação entre usuários da língua portuguesa que residem no Estado do Amapá. Ademais, temos o interesse em colocar em destaque uma análise que valorize o uso frequente de uma construção muito acionada em situações concretas de fala. O aporte teórico que orientou nossas análises vincula-se ao princípio da gramaticalização nos termos de Hopper (1991), para quem a gramática emerge dos usos e, por não estar presa a regularidades, pode apresentar funções textuais e/ou discursivas cujos sentidos se distanciam da forma prototípica que gerou o estágio inicial de gramaticalização. A metodologia adotada relaciona-se com a pesquisa de campo, uma vez que colhemos gravações espontâneas em que foram coletados 11 usos da construção **bem aí** que possibilitaram chegar à conclusão de que esta construção apresenta função textual e discursiva. No que diz respeito à função textual, acreditamos que a construção se refere a elemento catafórico e, no que diz respeito a funções discursivas, afirmamos, pelos dados colhidos e analisados, que a referida construção atende às seguintes funções: função discursiva de reprovar algo que foi dito ou solicitado pelo interlocutor; função discursiva de confirmar algo dito pelo interlocutor; função discursiva de alertar, função discursiva de enfatizar algo e função discursiva de admirar, sendo a função de reprovar a mais frequente nos dados colhidos.

Palavras-Chave: Bem aí. Gramaticalização. Funções textuais/discursivas.

RESUMÉ

Le présent travail se propose d'analyser la construction "bem aí" utilisée dans des situations concrètes de la parole, surtout entre les parlants de l'Etat de l'Amapá. Pour cela, les observations sont encadrées dans les postulats de la linguistique fonctionnelle qui a pour objectif d'analyser les usages effectifs que les parlants l'emploient. Dans ce sens, notre objectif tourne autour d'une observation qui met en place et essaie d'identifier les possibles fonctions textuelles/discursives de cette construction dans la communication entre les utilisateurs de la langue qui habitent sur l'Etat de l'Amapá. En plus, nous avons l'intérêt de mettre en évidence une analyse qui valorise l'usage fréquent d'une construction beaucoup appelée dans des situations concrètes de la parole. Le support théorique qui a orienté nos analyses est attaché au principe de la grammaticalisation dans les termes de Hopper (1991), pour qui la grammaire apparaît des usages et, pour ne pas être prise à la régularité, peut présenter des fonctions textuelles et/ou discursives dont les sens se distancient de la forme prototypique qui a géré le stade initial de grammaticalisation. La méthodologie que nous avons adoptée a été celle qui se relie avec la recherche de terrain, une fois que nous avons pris des enregistrements spontanés, dont lesquels, ont été prises 11 formes d'usage de la construction "bem aí" qui ont permis d'arriver à la conclusion que cette construction présente des fonctions textuelles et discursives. Dans ce qui concerne la fonction textuelle, on croit que la construction fait référence aux éléments cataphoriques et, dans ce qui concerne la fonction discursive, nous affirmons, à partir des données prises et analysées, que la construction qu'on fait référence ici a la fonction suivante: fonctions discursives de ne pas être d'accord avec quelque chose qui a été dit ou demandé pour l'interlocuteur; fonction discursive de confirmer quelque chose dite pour l'interlocuteur; fonction discursive d'alerter et fonction discursive de mettre en évidence quelque chose et fonction discursive d'admirer, étant la fonction de ne pas être d'accord la plus fréquente dans les données prises.

Mots-clés: Bem aí. Grammaticalisation. Fonctions textuelles/discursives.

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1: Motivo do uso do bem aí em função de reprovação.....	29
GRÁFICO 2: Frequência das funções discursivas do bem aí	32

LISTA DE TABELAS

TABELA 1: Grau de escolaridade dos falantes que produziram a construção bem aí	34
--	----

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1- À PROCURA DE TEORIA	13
1.1 Forma e função: considerações sobre as abordagens linguísticas.....	13
1.2 Funcionalismo linguístico norte-americano.....	15
1.2.1 Informatividade.....	16
1.2.2 Iconicidade.....	16
1.2.3 Marcação.....	18
1.2.4 Transitividade e plano discursivo.....	19
1.2.5 Gramaticalização.....	19
1.3 Princípios de Gramaticalização e a noção de gramática emergente.....	21
1.3.1 Estratificação.....	21
1.3.2 Divergência.....	22
1.3.3 Especialização.....	22
1.3.4 Persistência.....	23
1.3.5 Descategorização.....	23
1.4- Bem aí: Considerações funcionalistas.....	23
2- PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	25
3- ANÁLISE DO <i>CORPUS</i>	26
CONSIDERAÇÕES NÃO FINAIS	34
REFERÊNCIAS	36

INTRODUÇÃO

O presente trabalho está relacionado à linguística funcional por meio de análise que coloca em relevo o princípio da gramaticalização nos termos de Hopper (1991) para quem a gramática emerge do uso. Portanto, nossas análises versaram sobre a construção **bem aí**, utilizada em situações concretas da fala. Portanto, esta pesquisa analisa o estágio de gramaticalização da referida expressão, observando as diferentes funções textuais/discursivas que este uso linguístico apresenta em inúmeras situações discursivas.

Dessa forma, este fenômeno linguístico é muito utilizado no Estado do Amapá por diversos indivíduos com escolaridade variada, principalmente no discurso da fala, em razão de atender a diferentes funções discursivas. A partir dessa observação, este uso linguístico foi analisado dentro dos princípios da gramaticalização emergente proposta por Hopper (1991) que é bastante categórico em afirmar que é necessário seguir uma linha invariável de cinco parâmetros, sendo eles: estratificação, divergência, especialização, persistência e descategorização para analisar estágios de gramaticalização.

Diante disso, objetivamos analisar o comportamento sintático-semântico e discursivo da referida construção e sua implicação para o processo da comunicação. Além disso, ratificamos a hipótese de que o **bem aí** apresenta um estágio de gramaticalização que se dissocia de seu valor locativo prototípico, uma vez que pode se referir a valor espacial discursivo, uma vez que, ao determinar advérbio de lugar e advérbio de modo do referido uso linguístico, Bomfim (1988) trata-o como subgrupos os dêiticos, relacionados com o emissor e receptor (aqui, aí, lá, etc) indicando uma localização espacial objetiva, ou seja, identificam o local a qual se referem e, outro subgrupo é a conexão com um ponto de referência, interno ao enunciado, ou seja, pode ou não haver preposição implícita, dependendo da função sintática que exerçam na frase.

Portanto, nossa justificativa refere-se à necessidade de analisar a gramaticalização deste uso linguístico o **bem aí** já que, conforme pesquisas na área da linguística, não consta material voltado para essa análise em que se utiliza a construção em situações concretas de fala.

Além dessa análise, julgamos pertinente relacionar essa construção ao que concerne à linguística funcional, pois permitirá uma maior compreensão com relação à mudança linguística do objeto de estudo, ou seja, contribuirá para melhor concepção da língua como função para interação comunicativa do meio ao qual o sujeito faz parte.

Diante disso, informamos que o nosso trabalho está dividido na seguinte ordem: No primeiro capítulo, apresentamos discussão sobre algumas questões acerca do funcionalismo linguístico sobretudo acerca da vertente norte-americana a partir de alguns princípios que são de seu interesse: informatividade, iconicidade, marcação, transitividade e plano discursivo, bem como a gramaticalização nos termos de Hopper (1991) que afirma que a gramática de uma língua é sempre emergente, ou seja, estão sempre surgindo novas funções/valores/ usos para formas já existentes.

No segundo capítulo, apresentamos o percurso metodológico que norteou esta pesquisa. No terceiro capítulo, traçamos análise dos dados e, por fim, apresentamos as conclusões a que chegamos com relação às funções desses elementos e como estas estão a serviço da comunicação, indicando frequências de uso.

1- À PROCURA DE TEORIA

1.1 Forma e Função: Considerações sobre as abordagens linguísticas

Na perspectiva formalista, a língua é considerada um objeto abstrato que não depende das situações de comunicação entre os falantes no âmbito da realidade, ou seja, na interação social concreta, haja vista que a língua não está associada a questões sociais e culturais, sendo considerada apenas sua estrutura. Como afirmam Martelotta e Kenedy (2015, p.13) “O chamado pólo formalista caracteriza-se, em termos gerais, pela tendência geral, de analisar a língua como um objeto autônomo, cuja estrutura independe de seu uso nas situações comunicativas reais (...)”.

No que diz respeito ao pólo funcionalista, a língua é um instrumento que permite uma interação comunicativa, ou seja, vários efeitos de sentido podem ser acionados pelos sujeitos pela visão de mundo de cada um, porque a língua serve a uma cultura e a uma sociedade. Dessa forma, por necessidades comunicativas, a língua passa a exercer várias funções. Segundo Furtado da Cunha (2011, p79):

Os funcionalistas concebem a linguagem como um instrumento de interação social, alinhando-se, assim, à tendência que analisa a relação entre linguagem e sociedade. Seu interesse de investigação linguística vai além da estrutura gramatical, buscando na situação comunicativa – que envolve os interlocutores, seus propósitos e o contexto discursivo- motivação para os fatos da língua (.....).

Assim, as mudanças na língua acontecem para designar novas possibilidades de expressão. É por isso que elementos da língua apresentam regularidade, porém só podem alcançar concretude e força significativa quando usados dentro do processo de interação. Sabendo-se, portanto, que a vertente funcionalista exerce a língua como função comunicativa, com estruturas moldáveis, flexíveis e determinantes para a estrutura gramatical, faz-se necessário observar ao que aludem Martelotta e Kenedy (2015, p.14) quando enfatizam que a língua não pode ser analisada como um objeto autônomo, pois:

O pólo funcionalista caracteriza-se por conceber a língua como um instrumento de comunicação que não pode ser analisado como um objeto autônomo, mas como uma estrutura maleável, sujeita a expressões oriundas das diferentes situações comunicativas, que ajudam a determinar sua estrutura gramatical (...).

Dessa forma, vários foram os pesquisadores que contribuíram para os avanços dos estudos da corrente funcionalista no século XX na Europa em algumas escolas linguísticas pós-saussureanas, por exemplo, Charles Bally, Albert Sechehaye e Henri Frei. De forma

geral, todos analisaram a língua como função, relacionada ao uso no momento em que demonstram expressões linguísticas.

Logo, existem diferentes modelos funcionalistas como o europeu da Escola de Praga, em 1926, que originou o Círculo Linguístico organizado pelo linguista Tcheco Vilém Mathesius que analisou as primeiras linhas funcionalistas, opondo-se à linha de pensamento saussureano entre sincronia e diacronia em que a primeira estuda os fenômenos da língua através de uma determinada fase ou época e a segunda estuda as ocorrências da língua ao longo do tempo.

Assim, o funcionalismo europeu contribuiu para o uso dos termos *função/funcional* ao estabelecer os fundamentos teóricos e as análises que levam em conta parâmetros pragmáticos e discursivos. Porém, a Escola de Praga obteve maior destaque nos estudos fonológicos com ênfase para os principais representantes Nikolaj Trubetzkoy e Roman Jakobson.

Podemos observar outra filiação teórica do funcionalismo na Escola de Londres, em 1970, tendo como principal teórico Michael K. Halliday. Segundo Furtado da Cunha (2011, p. 162) “A teoria funcional de Halliday, que surge na década de 1970, está centrada em um conceito amplo de função, que inclui tanto as funções de enunciados e textos quanto as funções de unidades dentro de uma estrutura”.

Outra representação funcionalista está presente no grupo holandês no final da década de 1970, tendo como teórico o linguista Holandês Simon Dik e seus seguidores que contribuíram para um modelo de sintaxe funcional que estuda a disposição das frases em uma sentença sendo analisadas em três níveis quais sejam: função sintática de sujeito, a função semântica de agente e a função pragmática de tema.

A seguinte abordagem com relação ao funcionalismo diz respeito à vertente norte americana ao considerar contextos linguísticos discursivos, ou seja, considerando fatores externos em consequência das necessidades do discurso. Portanto, é de interesse dessa vertente analisar a língua a partir da interface gramática e discurso. De maneira que aquela só pode ser analisada se vinculada a este.

Diante disso, por mais que cada uma dessas filiações teóricas tenha abordagens metodológicas diferentes, comungam no que diz respeito à análise do funcionamento do sistema linguístico que serve para o processo de comunicação entre os falantes de qualquer língua natural.

Passemos, agora, a aprofundar discussão acerca das categorias de análises de interesse da corrente norte-americana dos estudos funcionalistas.

1.2 Funcionalismo Linguístico Norte-Americano

A linguística norte-americana, até a segunda metade do século XX, é dominada pelo pólo formalista (estruturalismo e gerativismo), apresentando como principais teóricos Leonard Bloomfield, e Noam Chomsky. Todavia, foi se desenvolvendo uma disposição para funcionalismo por meio dos trabalhos de etnolinguistas¹, como Franz Boas, Edward Sapir e Benjamim Lee Whorf.

Portanto, o funcionalismo é avesso à corrente estruturalista e gerativista, pois, de forma geral, estas não ultrapassam o limite da sentença, assim não consideram o contexto da situação comunicativa entre os falantes, ou seja, é apenas a descrição e explicação da estrutura e da sentença.

Assim, o funcionalismo norte-americano propaga-se a partir de 1975 em relutância às particularidades de cunho estruturalista e gerativista. Dessa forma, o funcionalismo norte-americano defende a estrutura da língua associada à função comunicativa. Em razão disso, Furtado da Cunha (2011.p 163) explica o funcionalismo quando afirma que:

Diferentemente das teorias formais, o funcionalismo pretende explicar a língua com base no contexto lingüístico e na situação extralingüística. De acordo com essa concepção, a sintaxe é uma estrutura em constante mutação em consequência das vicissitudes do discurso, ao qual se molda. Ou seja, há uma forte vinculação entre discurso e gramática: a sintaxe tem a forma que tem em razão das estratégias de organização da informação empregadas pelos falantes no momento da interação discursiva.

Essa interação entre discurso e gramática, a qual relata a autora, não atende a princípios rígidos e inflexíveis e pode ser caracterizada como um organismo maleável que se adapta a diferentes habilidades comunicativas e capacidade cognitiva dos falantes. Furtado da Cunha (2011.p 158) assinala, com relação à capacidade cognitiva para o processo de aquisição da linguagem da criança em seu meio social, que:

A criança é dotada de uma capacidade cognitiva rica que torna possível a aprendizagem da linguagem, assim como outros tipos de aprendizagem. É com base

¹ Área da linguística que estuda tanto a variação da língua em relação à cultura, como os aspectos dos usos linguísticos relacionado com a identidade étnica. Procura conhecer as diferenças entre as culturas e épocas histórica. Disponível em:< <http://www.dicionarioinformal.com.br/etnolingu%C3%ADstico/>> Acesso em: 21.Nov.2017.

nos dados linguísticos a que é exposta em situação de interação com os membros de sua comunidade de fala que a criança constrói a gramática da sua língua.

Diante disso, não há uma teoria gramatical funcionalista pronta e acabada, haja vista que há uma quantidade expressiva de análise funcionalista, sobretudo na corrente norte americana que tem os linguistas Givón, Sandra Thompson e Paul Hopper, como os principais autores dessa corrente linguística.

No cenário brasileiro, grupos de pesquisadores começaram a dar visibilidade aos estudos funcionalistas a partir de 1980, ao analisarem textos orais e escritos em matéria morfossintática com diferentes análises e perspectivas. Além disso, no Brasil, os trabalhos com os pressupostos do funcionalismo norte-americano têm se desenvolvido em estudos empíricos importantes para a descrição da língua portuguesa.

Dentro da corrente funcionalista norte-americana estão estabelecidos os princípios e categorias centrais para o funcionamento das línguas como: informatividade, iconicidade, marcação, transitividade, plano discursivo e gramaticalização, os quais destacamos nos tópicos seguintes.

1.2.1 Informatividade

A informatividade é uma informação compartilhada na interação verbal entre os interlocutores classificada como *dada, nova, disponível e inferível*. Segundo Furtado da Cunha (2011. p. 166) “*dado* é quando a situação contextual não deixa dúvida para o interlocutor enquanto ao sentido do termo, por exemplo, permite que ele evite as ambigüidades e repetições de pronomes no texto ou na situação de fala”.

Outro referente nominal é o *novo* quando colocado pela primeira vez no discurso. Outro indicativo para verificar o princípio informacional é chamado *disponível* quando está acessível na mente do ouvinte. Já o *inferível* é identificado a partir de outra informação dada.

1.2.2 Iconicidade

A definição para o princípio de iconicidade pode ser entendida entre o código linguístico (expressão) e o significado (conteúdo), uma vez que os linguistas funcionalistas entendem que a estrutura da língua está voltada para a estrutura do conhecimento humano, da

interação e experiência do indivíduo através de uma relação isomórfica, ou seja, entre expressão e conteúdo.

Entretanto, Furtado da Cunha (2011 p.167) relata que estudos sobre os processos de variação e mudança permitem verificar que quando há formas alternativas de dizer a mesma coisa, principalmente na língua escrita, existem casos em que a relação entre expressão e conteúdo não estão clarificados. Podemos compreender o caso quando Furtado da Cunha (2011 p.167) esclarece que:

Nesses casos, a relação entre formas e significado é aparentemente arbitrária, uma vez que o significado original do elemento linguístico se perdeu total ou parcialmente, assim como a motivação para sua criação. Por exemplo, o item, “entretanto”, hoje, tem um valor opositivo que justifica sua classificação como conjunção adversativa (ex: “Estudou muito, entretanto não passou”)

Além disso, o princípio de iconicidade divide-se em três subprincípios arrolados à quantidade de informação, ao grau de relação entre expressão e conteúdo e à classificação sequencial dos elementos, são eles: **subprincípio de quantidade, da integração e subprincípio da ordenação sequencial.**

Segundo Furtado da Cunha (2011 p.168) o *subprincípio de quantidade*, quanto maior a quantidade de informação, maior a quantidade de forma, de tal modo que a estrutura de uma construção gramatical indica a estrutura do conteúdo que ela expressa.

Podemos observar que o subprincípio citado anteriormente tem a ver com a ampliação de palavras que permitem uma quantidade maior de informações principalmente quando utilizamos palavras derivadas em comparação com as palavras primitivas, sendo que a primeira permite difundir mais informações semânticas e/ou gramaticais, como exemplo a palavra primitivo belo em seu comprimento beleza >embelezar>embelezamento.

Assim, o segundo subprincípio da integração trata da palavra mais próxima cognitivamente permitindo um nível de codificação maior sintaticamente, podendo manifestar-se na interação entre o verbo da oração principal em relação ao verbo da subordinada. Como no exemplo que Furtado da Cunha (2011 p.169) apresenta “a) Maria ordenou: fique aqui, b) Maria fez a filha ficar ali, b) A filha não queria ficar ali“. Essas orações indicam a linearidade entre o conceito e as ideias que elas representam.

O terceiro subprincípio chamado de ordenação sequencial está dividido em subprincípio da ordenação linear e subprincípio da relação entre ordem sequencial e topicalizada, sendo que a primeira aborda uma sequência linear/temporal nas orações do discurso, ou seja, na mesma ordem em que ocorrem na realidade e o segundo subprincípio da

oração é o fato de que informações velhas no início da oração e as informações novas no final.

1.2.3 Marcação

A categoria de marcação refere-se aos termos “marcado e “não marcado”, utilizados pela primeira vez na Escola de Praga. Os linguistas observaram as categorias linguísticas, sejam elas fonológicas, morfológicas ou sintática com relação à frequência de uso de categorias gramaticais, que demandam fundamentos mais consistentes, sejam eles cognitivos, comunicacionais, socioculturais.

O linguista Givon, (1990) apresenta princípios de marcação e estabelece três critérios para a distinção entre categorias marcadas e categorias não marcadas, em um contraste gramatical binário, são eles: **complexidade estrutural, distribuição de frequência e complexidade cognitiva.**

Vejamos as definições destes critérios a partir do que nos indicam Furtado da Cunha, Costa e Cezario (2015, p.26):

- a) complexidade estrutural: a estrutura marcada tende a ser mais complexa (ou maior) que a estrutura não marcada corresponde;
- b) distribuição de frequência: a estrutura marcada tende a ser menos frequente do que a estrutura não marcada correspondente;
- c) complexidade cognitiva: a estrutura marcada tende a ser cognitivamente mais complexa do que a estrutura não marcada correspondente. Incluem-se, aqui, fatores como esforço mental, demanda de atenção e tempo de processamento.

Podemos exemplificar estes critérios nos seguintes enunciados com base em uma análise da marcação na sintaxe da construção verbal em futuro do presente:

- 1- Paulo **chegar**
- 2- Paulo **vai chegar**

De acordo com o primeiro critério, a estrutura marcada é aquela com mais complexidade ou maior estrutura, ou seja, o enunciado em que ocorre a locução verbal *vai chegar* é mais marcado. Com relação ao segundo critério, a estrutura marcada tende a ser menos frequente, ou seja, o enunciado cujo verbo se encontra na forma sintética *chegar* não é utilizado com frequência no cotidiano seja em situações de fala ou de escrita. Ainda sobre este verbo, podemos afirmar que, por demandar maior esforço mental e requerer um tempo maior para que seja processado, é cognitivamente mais complexo, sendo, portanto, marcado quanto ao terceiro critério.

Desse modo, convém destacar que o enunciado inscrito pelo verbo em forma sintética **chegar** é mais marcado que o enunciado em forma analítica **vai chegar**, uma vez que atende a dois critérios de marcação (**distribuição de frequência e complexidade cognitiva**) enquanto que o enunciado com verbo em formação analítica atende apenas um critério (**complexidade estrutural**).

1.2.3 Transitividade e plano discursivo

De acordo com a gramática tradicional, o conceito de transitividade refere-se à transferência de um agente para um paciente centrada na propriedade do verbo. Para Hopper e Thompson (1980) o grau de transitividade de uma oração está associada a funções pragmáticas, ou seja, a diferentes planos discursivos, pois apresenta distinção entre aquilo que é central do texto (figura) e periférico (fundo). Furtado da Cunha (2011 p.172) explica que :

O grau de transitividade de uma oração, ou o lugar que ela ocupa na escala de transitividade de Hopper e Thompson, reflete funções discursivas, de modo que orações com alta transitividade assinalam porções centrais do texto, correspondente à figura, enquanto orações com baixa transitividade marcam as porções periféricas, correspondente ao fundo.

A maneira como o falante organiza seus objetivos comunicativos e pela percepção das necessidades do seu interlocutor é que vai apresentar o que é central e periférico em planos discursivos ou em termos de estrutura do texto narrativo é o que vai corresponder à distinção entre figura e fundo.

A transitividade oracional, estabelecida por Hopper e Thompson, requer um complexo de dez parâmetros sintático-semânticos autônomos que indicam uma escala de transitividade que são: participantes, cineses aspecto do verbo, pontualidade do verbo, intencionalidade do sujeito, polaridade da oração, modalidade da oração, agentividade do sujeito, afetamento do objeto e individuação do objeto.

1.2.4 Gramaticalização

A abordagem teórico-metodológica que interessa para a corrente norte-americana da corrente funcionalista é, também, o princípio da gramaticalização, capaz de relacionar a necessidade de construções sintáticas em determinados contextos que passam a adotar novas funções gramaticais.

A gramaticalização expandiu-se no final da década de 1980, porém, antes disso, outros linguistas nominaram diversos termos para classificar esse acontecimento de mudança linguística. Furtado da Cunha (2011 p.19) destaca o seguinte: “a distinção que mais se observa é a tendência de uma maior relação do termo gramaticalização com a perspectiva diacrônica e de gramaticalização com a perspectiva sincrônica da mudança continua de categorias e significados”.

Além disso, estudos realizados na China datam que o processo de gramaticalização já era observado no século X e continuou a se desenvolver no século XVII, com Condillac e Rosseau (na França) e com Tooke (na Inglaterra); e, no século XVIII, Com Bopp, Schlegel, Humboldt, Gabelentz (na Alemanha) e Whitney (Estados Unidos).

Mas foi Meillet (1912), na França, o principal linguista a utilizar o termo gramaticalização ao referir-se à passagem de uma palavra autônoma à função de elementos gramaticais. Ressalte-se que Meillet tinha conhecimento de que a noção de gramaticalização já estava presente na linguística oriental do século X ao contribuir significativamente na realização de distinções entre símbolos linguísticos plenos de símbolos linguísticos vazios. O trecho abaixo explica esta ideia, uma vez que os autores nos mostram que:

Nos estudos pioneiros de Meillet, depreende-se, primeiramente, a ideia de gramaticalização como uma ferramenta da linguística histórica, que buscava dar conta das origens e das mudanças típicas envolvendo morfemas gramaticais, o que vinha complementar o campo da etimologia e da evolução histórica das palavras. (GONÇALVES ET ALL 2007, p.21)

Destacamos que há muitos autores que definem o termo gramaticalização e, de certa forma, entendem que determinadas configurações linguísticas atendem a funções distintas no processo de comunicação, porém há pontos de divergência entre um e outro no que diz respeito às categorias de análise, dentre eles Meillet (1912), Castilho (2002), Hopper (1991), Heine e Traugott. (1991), Bybee (1994) e Givón (1979) etc.

Para Meillet (1912), a ideia de gramaticalização compreende-se como um mecanismo da linguística histórica, envolvendo as origens e mudanças dos morfemas gramaticais. Para Castilho (2002) o termo refere-se ao processo em multissistemas complexos a medida do discurso, da gramática, da semântica e do léxico a partir de três subprocessos². Para Heine & Traugott (1993, p. 23), a gramaticalização é definida como “um

² Fonologização (alterações no corpo fônico das palavras, morfologização (alterações que afetam o radical e os afixos) e sintatização (alterações que afetam as categorias lexicais, os arranjos sintagmáticos e a atribuição de funções na sentença) (GONÇALVES, 1999 Apud CASTILHO 2006, p.26)

processo linguístico tanto diacrônico quanto sincrônico de organização categorial e de codificação, ainda que em momentos anteriores, remetesse a um processo unicamente diacrônico”.

Convém destacar que, adotaremos o conceito de gramaticalização de acordo com os princípios de Hopper (1991) que define a gramaticalização como processo de mudança linguística a partir da língua em uso. Diante disso, este autor defende ser necessário seguir uma linha invariável de cinco parâmetros, são eles: **estratificação, divergência, especialização, persistência e descategorização** que serão desenvolvidos a seguir.

1.3 Princípios de Gramaticalização e a noção de gramática emergente

A gramaticalização é um processo linguístico e está centrada no eixo da mudança. Com isso, a gramaticalização é emergente fazendo com que a expressão linguística que antes não era prototípica ou até que não existia passa a ser usada com bastante frequência. É o que afirmam Gonçalves e Carvalho (2007, p.79) quando citam Hopper (1991), afirmando que:

A gramática de uma língua é sempre emergente, ou seja, estão sempre surgindo novas funções/valores/ usos para formas já existentes e, nesse processo de emergência, verificável a partir de padrões fluidos da linguagem, é possível graus variados de gramaticalização que uma forma vem assumir nas novas funções que passa a executar, tornando-se imperioso, então, contar com recursos que permitam identificar os primeiros estágios desse processo de mudança.

Essa afirmação diz respeito ao que Hopper considera a língua como uso empírico para identificação de tendências de gramaticalização. O autor demonstra que os tipos de mudanças não são apenas gramaticais, todavia mostra que os limites entre fenômenos lexicais e gramaticais são diversos. Vejamos os princípios propostos por Hopper (1991).

1.3.1 Estratificação

Dentro de um domínio funcional, novas formas estão em conjunto emergindo com as antigas, contudo em outras palavras, não significa que as formas antigas desaparecem, pois elas coexistem com as emergentes. Essa nova forma atende a mudanças de um estágio técnico. Gonçalves e Carvalho (2007 p.81) elucidam que:

Segundo o princípio de estratificação, em um domínio funcional amplo, novas “camadas” estão sempre emergindo e coexistindo com as antigas. Essa diversidade decorreria do fato de que, ao surgirem as novas formas funcionais, a substituição das

equivalentes preexistentes não é imediata ou pode até mesmo não vir acontecer, trazendo, como consequência, a interação e coexistência de “camadas” novas e antigas em um mesmo domínio.

Esse princípio não emerge para eliminar ou substituir as formas antigas e sim para servir como variantes linguísticas. Podemos observar no exemplo de Gonçalves e Carvalho (2007 p.80) quando ilustram a forma *a gente* no português brasileiro a partir da perspectiva de Omena & Braga (1996) quando apontam que, “no português brasileiro, em alguns contextos a expressão *a gente* passou a competir com as formas de 1º pessoa, *eu* e *nós*, mais frequentemente com *nós* do que com *eu*”.

1.3.2 Divergência

Este princípio refere-se ao fato de uma forma lexical sofrer gramaticalização, mas ainda permanecer no sistema como forma gramatical, ou seja, mantendo suas propriedades originais. Gonçalves e Carvalho (2007 p.81) esclarecem que:

Segundo Hopper, a divergência poderia ser interpretada como um caso especial de estratificação, embora com diferenças significativas. Apesar de ambas visarem aferir graus de gramaticalização de estratégias gramaticais, suas atuações incidem sobre campos distintos: a estratificação remete as diferentes codificações de uma mesma função, enquanto a divergência remete aos diferentes graus de gramaticalização de um mesmo item lexical autônomo se gramaticaliza em um contexto, deixando de o fazer em outro.

Então, esse princípio justapõe-se ao citado anteriormente, uma vez que demanda a conservação do item lexical original convivendo de forma autônoma ao lado da forma gramaticalizada. Podemos observar o que foi citado anteriormente no pronome de tratamento, **vossa mercê** que passou a **você**.

1.3.3 Especialização

O terceiro princípio indica o aumento da frequência de uso da forma no processo de gramaticalização. Gonçalves e Carvalho (2007 p.81) sobre o terceiro princípio, esclarecem que:

Tem relação com a questão do estreitamento da escolha de formas pertencentes a um mesmo domínio, ou seja, relaciona-se com o estreitamento de opções para se codificar determinada função, à medida que uma dessas opções começa a ocupar mais espaço porque é mais gramaticalizada.

Podemos observar que o terceiro princípio trata da preferência de alguns termos gramaticalizados pelos falantes com maior frequência no discurso.

1.3.4 Persistência

Observa-se, neste princípio, a manutenção de alguns traços semânticos da forma-fonte originária nas formas gramaticalizadas o que pode acarretar em restrições sintáticas e semânticas para o uso da figura gramaticalizada. Podemos ressaltar a aplicação desse princípio nos dizeres de Gonçalves e Carvalho (2007 p.81) que afirmam que “a ideia de coletividade do substantivo gente é retirada na forma gramaticalizada a gente”.

1.3.5 Descategorização

Diz respeito a formas que quanto mais gramaticais se tornam mais se dissociam da forma original no processo de gramaticalização. Assim, é muito comum que palavras gramaticalizadas percam, completamente, o traço etimológico que as gerou, por um princípio de descategorização (semântica). Gonçalves e Carvalho., (2007 p.81) esclarecem que:

Esse último princípio remete a perda, por parte da forma em processo de gramaticalização. Dos marcadores opcionais de categorização e de autonomia discursiva. Por exemplo, os nomes deixam de identificar participantes e de autonomia discursiva e os verbos, de reportar novos eventos. Em outras palavras, a forma em gramaticalização tende a perder ou neutralizar as marcas morfológicas e os privilégios sintáticos que caracterizam as formas plenas como nomes e verbos, vindo a assumir atributos das categorias secundárias, mas gramaticalizadas, como advérbios, pronomes, preposições ...

Portanto, analisamos o nosso objeto de estudo: a expressão **bem aí** a partir dos princípios de Hopper (1991) citados anteriormente numa perspectiva clássica de análise de gramaticalização, objetivando descrever funções textuais/discursivas e analisar qual (is) a (s) implicação (ões) para o processo de comunicação.

1.4- Bem aí: Considerações funcionalistas

A escolha para o objeto de estudo a construção **bem aí** decorreu em razão de ser corriqueira no uso da língua utilizada em situações de fala na região Norte, sobretudo entre o norte do Pará e o Amapá, em situações de informalidade do uso da língua portuguesa, ou seja, no cotidiano, no dia a dia dos falantes.

O objeto de estudo no seu valor prototípico, ou seja, no seu valor inicial é empregado como advérbio, sendo o **bem** advérbio de modo e o **aí** advérbio de lugar. Para definir o que é o advérbio, Cunha e Cintra (2007, p. 556) apresentam o seguinte conceito, “os advérbios recebem a denominação da circunstância ou da outra ideia acessória que expressam”, ou

ainda, nos dizeres de Rocha Lima (1972 p.226) quando apresenta outro conceito de advérbio “são palavras modificadoras do verbo. Servem para expressar as várias circunstâncias que cercam a significação verbal”.

Para melhor explicar a importância do advérbio, Andrade e Matos (2013,p.107) enfatizam que o advérbio “é a expressão modificadora que por si só denota uma circunstância (de lugar, de tempo, modo, intensidade, condição, etc) e desempenha na oração a função de adjunto adverbial.”

Para determinar advérbio de lugar, Bomfin (1988, p.36) trata-o como subgrupos, os dêiticos, relacionados com o emissor e receptor (aqui, aí, lá, etc) indicando uma localização espacial objetiva, ou seja, identificam o local a qual se referem e, outro subgrupo, é a conexão com um ponto de referência, interno ao enunciado, ou seja, pode ou não haver preposição implícita, dependendo da função sintática que exerçam na frase.

Entretanto, na perspectiva funcionalista a construção **bem aí** deve ser entendida como função que a forma linguística desempenha no ato comunicativo e, diferente do que estabelece Bomfin (1988), o advérbio **aí** pode referir-se a lugar não concreto, mas a partes específicas do discurso, evidenciando, por assim dizer, um estágio de gramaticalização, vez que, dissociando –se de seu uso prototípico, pode apresentar funções discursivas distintas

O uso da construção bem aí verifica-se em situação que se distancia de seu valor (+) lexical/concreto, dissociando-se do valor prototípico, apresentando, portanto, valor (-) lexical, ocorrendo em situações pragmáticas, evidenciando valor abstrato.

2- PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Buscando analisar a temática proposta, este trabalho está pautado na pesquisa de abordagem qualiquantitativa, por meio de pesquisa de campo que procurou coletar diálogos informais envolvendo 11 sujeitos.

Diante disso, analisamos 11 diálogos no meio social informal, ou seja, buscamos gravar os diálogos em lugares diversos. Assim, interessou-nos a construção **bem aí** no contexto informal do uso da língua com o interesse de analisar as diversas funções do **bem aí** no discurso do falante, relacionando os discursos com os cinco princípios de Hopper (1991).

Em razão disso, consideramos o emprego das funções discursivas do **bem aí** para observar os valores que o objeto em tela representa no discurso do falante oiapoquense. A análise dos dados deu-se por meio da escuta dos diálogos gravados sem que o interlocutor soubesse que estava sendo gravada a sua fala para maior credibilidade ao trabalho, já que, no primeiro momento, tentamos utilizar as perguntas do grupo de estudo gramática D&G (descrição de local, relato de opinião e experiência pessoal narrada, mas não obtivemos êxito pelo fato de o falante manipular sua fala. Em seguida, fizemos a quantificação das ocorrências das funções textuais/discursivas que emergem com o uso da construção **bem aí**.

3- ANÁLISE DO *CORPUS*

Inicialmente, informamos que esta análise parte de um caráter de linguagem informal, uma vez que consideramos a fala do cotidiano, em que se supõe que os falantes utilizam uma linguagem menos elaborada, pouco sofisticada, ou seja, do dia –a –dia. Assim, analisamos a construção **bem aí** retirada da fala, preservando a intencionalidade das expressões que evidenciaram o objeto em estudo.

Além disso, observamos o nível de escolaridade não como uma forma de estereótipo, mas sim como uma forma de confirmar que a construção **bem aí** é utilizada em diferentes situações de comunicação, ressaltando a frequência da forma em estudo no uso da língua, ou seja, a presença dessa construção nos relatos dos sujeitos.

Nossas argumentações para analisar esta construção correspondem à proposta teórica referente aos cinco parâmetros de gramaticalização estabelecidos por Hopper (1991). Sabemos que Hopper determina que dentro da gramática de uma língua estão sempre surgindo novos valores, ou seja, funções para formas gramaticais já em uso, através de mecanismos que possibilitam identificar os estágios desses processos de mudança.

Podemos observar o que foi citado anteriormente nas 11 ocorrências seguintes destacados pelas respectivas funções a que se referem.

A) **Bem aí em função discursiva de reprovar algo que foi dito ou solicitado pelo interlocutor**

(1)

Falante 01: Ei Herbert, tu acredita que o Higor pediu pra eu parar de falar com o Darlisom.

Falante 02: Quem?

Falante 01: O Higor falou pra eu parar de andar com o Darlison, porque eu era uma secretária e eu tinha que me portar como uma. Eu acho que ele é preconceituoso.

Falante 02: Será?

Falante 01: Ele é Herbert. Uhhh... Agora **bem aí**

(2)

...nove e meia eu já tô deitada na minha cama e a Gabi não quer dormir no quarto dela. Quer ficar comigo no meu quarto.... Agora **bem aí...**

(3)

.... ela disse que não vai dá a fantasia pra ela, se ela quiser alugar, ela aluga por duzentos reais... Agora **bem aí**, não.

(4)

Falante 01: ... Joana para de tá andando na casa da Maria que ainda vai sair uma fofoca com teu nome, eu não concordo com essa amizade.

Falante 02: **Bem aí** mãe! Eu não sou mais um bebezinho eu já sei me cuidar.

(5)

Falante 01: Onde tu tá

Falante 02: Estou indo deixar a sacola na casa do João.

Falante 01: Porque tu vai lá, eu estou aqui na BR. Agora **bem aí**. Tá eu vou andando depois tu me pega.

(6)

Falante 01: Alice tu tem fita dupla face, eu tinha aqui mais (*sic*) tu pegou.

Falante 02: Eu não, agora **bem aí**.

Em 01, notamos, pelo contexto, a construção **bem aí** como função discursiva de reprovação. Na 1º conversa informal, o falante 01 ficou indignado pelo motivo de não poder falar com outra pessoa por determinado motivo. Assim, o falante 01 reprovou a ação sugerindo o impedimento de direcionar a palavra para um determinado sujeito. Dito isso, notamos que é possível a função discursiva do **bem aí** ter o ato de reprovar a respeito de algo

que foi solicitado que, no caso em destaque, percebe-se que o **bem aí** foi utilizado como forma de reprovar uma censura imposta pelo interlocutor.

No caso do objeto em pesquisa, identificamos que uma das possíveis atribuições discursivas do **bem aí** possui o efeito de reprovação que poderá ter outro sentido dentro do discurso, porém, na atual conjuntura, o **bem aí** tem a função de reprovação.

Em 02, o **bem aí** tem a função discursiva de reprovação pela atitude da filha querer dormir no mesmo quarto da mãe, sendo que aquela tem seu próprio quarto. A função do **bem aí** como reprovação diz respeito ao costume da filha em querer dormir todas as noites no quarto da mãe. Contudo, o falante utilizou o **bem aí** ao criticar a atitude da filha. Assim, podemos afirmar que esta construção foi utilizada como forma de condenar a atitude da filha em relação à ação que está posta no diálogo.

Em 03, o **bem aí** também tem a função discursiva de reprovação pelo fato de a mulher não querer emprestar a fantasia e sim alugá-la por um determinado valor. Nesse sentido, o fato de o narrador reprovar o ato pelo qual a mulher não emprestou só possibilitou alternativa de alugar. Portanto, o ato de reprovar é uma das funções do **bem aí** no discurso, evidenciando, assim, que o falante que utiliza a construção **bem aí** o faz de modo a indicar uma reprovação ao fato de a mulher querer apenas alugar a fantasia.

Em 04, o **bem aí** tem a função discursiva de reprovação, uma vez que a filha reprovou o argumento da mãe. Podemos observar os argumentos da mãe na seguinte frase: "... Joana para de *tá* andando na casa da Maria que ainda vai sair uma fofoca com teu nome, eu não concordo com essa amizade.". Assim podemos observar que o argumento utilizado pela mãe possibilitou aversão da filha, por achar ser madura suficiente para fazer suas próprias escolhas. Diante desses fatos, sabemos que a intenção do **bem aí** no quarto diálogo tem valor de censura pela filha reprovar a fala da mãe, ou seja, o objeto em estudo remete-se ao que foi relatado anteriormente.

Em 05, sabemos que o **bem aí** na forma gramaticalizada tem a função discursiva também de reprovar, uma vez que o falante não concordou com o fato de seu interlocutor deixar a sacola em um determinado lugar, em vez de pegar a mulher para também levá-la em outro lugar. Nesse caso, a função de reprovação está associada ao ato de condenar o falante 02 o que demonstra que a expressão **bem aí** pode indicar reprovação atribuída à condenação dita/feita por um dos falantes.

Em 06, observamos o **bem aí** na seguinte frase: "Eu não. Agora bem aí." o que caracteriza sua função de reprovação pelo motivo do falante 02 entender que não foi ela quem realmente pegou determinado objeto. Com isso, sugerimos que a função de reprovação tem o

sentindo de acusação realizada pelo falante que participara da interlocução junto com o falante que apresentou a construção **bem aí**.

Diante disso, podemos afirmar que a expressão **bem aí** como função de reprovar, corrobora aos cinco princípios de Hopper (1991), uma vez que este pesquisador assegura que novas formas funcionais estão surgindo e coexistindo com o sistema funcional antigo, assegurando o processo de gramaticalização como um processo linguístico de mudança.

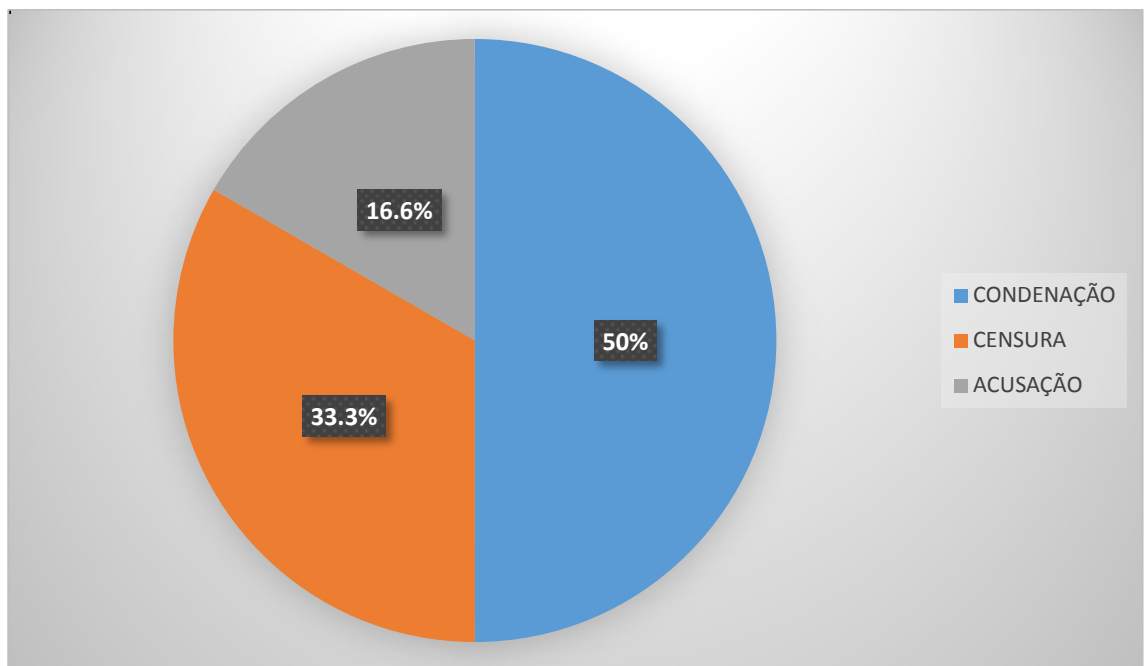


Gráfico 01: Motivo do uso do bem aí em função de reprovação

Diante disso, o uso do **bem aí** pelo falante que o utiliza na função de reprovar efetiva-se pelo fato de o interlocutor ter feito uma censura, uma condenação ou uma acusação, fazendo emergir o uso do **bem aí** pelo outro falante. Nos dados coletados, ainda que sejam poucas ocorrências, podemos enfatizar que há um indicio de uso do **bem aí** na função de reprovar quando o interlocutor apresenta uma condenação, acusação ou censura a respeito do que o outro falante enunciou, sendo a primeira, como se pode ver no gráfico acima, mais frequente.

B) Bem aí na função discursiva de confirmar.

Falante 01: Pedro me dá R\$ 25,00 reais

Falante 02: Eu não tenho!

Falante 01: Me dá!!!

Falante 02: R\$ 5,00?

Falante 01: Não, R\$ 25,00

Falante 02: Eu não tenho!

Falante 01: Então, me dá R\$ 15,00

Falante 02: Eu não tenho!! Égua eu pago nota....

Falante 01: SKY, internet, comida...

Falante 02: É verdade égua **bem aí!**

Em 07, a construção **bem aí** tem valor discursivo de confirmar, pois o falante 02 está confirmando que não pode dar R\$ 25,00 reais, justamente por ele dizer que paga várias outras contas e por isso o falante 02 confirma não poder dar o valor pedido. Sendo assim, afirmamos que uma das funções do **bem aí** é a de confirmar.

Ao percorrermos pelos princípios de Hopper (1991), vemos que a referida construção é uma forma nova que recebe novos valores, no caso o valor de confirmar com exatidão do discurso, assim possibilitando novas expressões no uso da língua. Dessa forma, garantindo o processo de interação sociocultural.

C) Bem aí na função discursiva de alertar

(8)

...Cheguei lá na loja, o Isaque rasgou o lacre do brinquedo e o vendedor falou: Olha você vai ter que pagar. Ok vou pagar! Mais (*sic*) vou te dizer uma coisa **bem aí** se ele rasgar outro brinquedo eu não vou pagar...

Em 08, a construção **bem aí** no valor discursivo em que é acionado tem função de alertar, uma vez que a mãe do menino alertou o vendedor sobre o fato de que, se este voltar a danificar outro brinquedo, ela não pagará pelo prejuízo. Sendo assim, afirmamos que uma das funções do **bem aí** também executa a função de alertar. Nesse caso, a mãe sinalizou na modalidade oral para o vendedor não deixar o menino rascar o objeto infantil da loja.

D) Bem aí na função discursiva de admirar o dito pelo interlocutor

(9)

Eu ia passando com o meu marido na rua e vi aquela menina no escuro se beijando com um menino, aí eu olhei e reconheci que era a Rosana e o meu marido disse: agora **bem aí**, tu reconhece a menina até no escuro...

Em 09, a expressão **bem aí** atende a funções pragmático-discursivas de admirar o dito pelo interlocutor, ou seja, o marido ficou admirado ao perceber que a esposa reconheceu a mulher até no escuro, ou seja, o fato da esposa ter reconhecido uma pessoa em um ambiente com pouca iluminação originou admiração no marido.

Ressaltamos que ao falar sobre admiração, não estamos expressando consideração especial ou de afeto por algo ou alguém. Mas essas observações são significativas para perceber que o **bem aí** nesse dialogo atendeu à função de admirar no sentido de o falante estar impactado com o dito o que podemos perceber na seguinte frase “agora **bem aí**, tu reconhece a menina até no escuro...”.

Diante disso, a importância de se analisar o **bem aí** dentro do princípio de gramaticalização que surge nos estudos funcionalistas ajudou a perceber a evolução da língua, ou seja, graus variados de gramaticalização que uma forma vem assumir quando passa a executar novas funções.

E) Bem aí na função discursiva de enfatizar

(10)

...ele mora com a minha mãe desde pequeno, sempre morou com ela... ela mima muito ele... ele fica fazendo essas coisa (*sic*), agora deu pra roubar... vou dizer uma coisa **bem aí** pra senhora, se ele continuar desse jeito a situação dele vai piorar, porque ele não quer mais ir pra escola....

(11)

Ele saiu fugido da policia e foi para o Maranhão, mas está querendo voltar para Oiapoque atrás dos amigos dele. Agora **bem aí** ele não escuta a mãe, escuta mais os amigos dele.

Em 10, a construção **bem aí** tem função de enfatizar a seguinte parte do discurso “ele fica fazendo essas coisas, agora deu pra roubar...”. Entretanto, a função do **bem aí** apresenta referência tanto no campo do discurso como também no campo textual, ou seja, na função discursiva faz referência ao que foi dito depois pela mãe “... se ele continuar desse jeito a situação dele vai piorar...”, além disso, este elemento apresenta função textual é o que chamamos de catáfora que é quando um mecanismo linguístico aparece depois do componente coesivo no caso o **bem aí**.

Em 11, o **bem aí** também tem a função de enfatizar o que foi dito posteriormente. Dessa forma, atende não só ao plano discursivo como também ao textual, pois diz respeito ao uso catafórico quando se percebe a referência ao que é enunciado posteriormente. Além disso, o bem aí foi utilizado como recurso estratégico de o falante prender a atenção de seu interlocutor ao enfatizar o dito.

Os resultados indicaram que o **bem aí** está representado na maioria dos diálogos na função de reprovar, ou seja, manifestar oposição a algo. Diante disso, podemos observar, no seguinte gráfico, a frequência com que as funções discursivas do bem aí aparecem nas ocorrências analisadas:

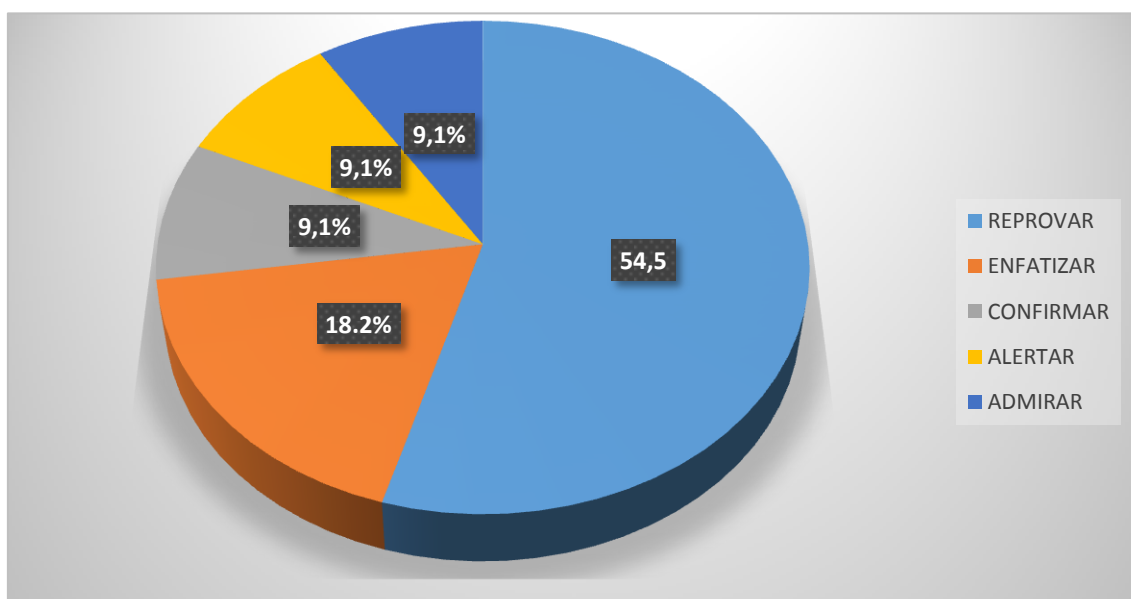


Gráfico 2: Frequência das funções discursivas do BEM AÍ

Nos diálogos citados anteriormente, observamos os cinco princípios de Hopper (1991). Começando pelo princípio de *estratificação*, já que o **bem aí** surge como uma nova forma funcional, coexistindo com a forma antiga, no caso o **bem** como advérbio de modo e o **aí** como advérbio de lugar, ou seja, no domínio formal a construção **bem aí**, difere do estágio de gramaticalização.

Neste princípio, o **bem aí** decorre sob um domínio funcional amplo que atende a outras funções como nos casos em que se distânciam do seu valor prototípico. Dessa forma, encontrados nos diálogos as seguintes funções dentro do discurso, como exemplo, **reprovação, confirmação, alerta, admiração e o valor de enfatizar**.

Notamos, ainda, o segundo princípio da *divergência*, o qual preserva a unidade lexical, isto é, a forma **bem aí** que procede ao processo de gramaticalização não perdendo propriedade gramaticais, já que tanto na forma prototípica quanto gramaticalizada o **bem aí** não perde qualidade morfológica, semântica, sintática etc. Podemos observar nos diálogos que a expressão **bem aí** não perdeu a característica.

O terceiro princípio da *especialização* apresenta a opção de escolha de outras formas dentro do discurso de atender à mesma função como é o caso da expressão **bem aí** que desempenha funções no discurso de **reprovação, confirmação, alerta, admiração e o valor de enfatizar**.

Podemos, também, observar o princípio da *persistência* no que diz respeito à permanência de traços do significado da forma original, quer dizer a forma prototípica, o que alude dizer a forma em gramaticalização apresenta mudanças ao adquirir novas funções e significados.

Por fim, o último princípio da *descategorização*, já que o **bem aí** dentro do discurso apresenta uma perda da forma gramaticalizada, em outras palavras, há um distanciamento da categoria **bem** como advérbio de modo e o **aí** como advérbio de lugar específico, porque o **bem aí** no discurso em tela remete para um contexto, ou seja, está no campo do discurso, apresentando distintas funções, o que podemos evidenciar nas várias funções nas análises dos discursos observados.

CONCLUSÕES NÃO FINAIS

Diante das análises traçadas, podemos enfatizar que a expressão **bem aí** apresenta várias funções no discurso informal que possibilitam entender que esta construção é uma forma nova que atende a várias funções, como nos casos de **reprovação, confirmação, alerta, admiração e de enfatizar**, considerando os cinco princípios estudados por Hopper (1991).

Dessa forma, os resultados encontrados na presente pesquisa corroboram com os resultados de Hopper (1991), no sentido de que os princípios de estratificação, divergência, especialização, persistência e descategorização se relacionam com o **bem aí** no que diz respeito aos estágios iniciais do processo de gramaticalização.

Posteriormente, analisamos os níveis de escolaridade sendo que os entrevistados, de forma geral, tinham a escolaridade que iniciava do ensino fundamental incompleto ao nível superior, como se pode ver na tabela abaixo:

GRAU DE ESCOLARIDADE	QUANTIDADE
Superior Completo	03
Superior Incompleto	01
Ens. Médio Completo	03
Ensino Fundamental Completo	01
Ens. Fundamental Incompleto	03
Total	11

Tabela 1: Grau de escolaridade dos falantes que produziram a construção bem aí

Diante das análises traçadas, podemos observar que a construção **bem aí** é perceptível na fala de usuários linguísticos de escolaridade distinta, permitindo, portanto, afirmar que o grau de escolaridade não interfere no uso desta construção.

Este estudo também possibilitou concluir que o **bem aí** no domínio funcional se distancia ou se difere totalmente da forma prototípica em que o bem é advérbio de modo e o aí advérbio de lugar. Portanto, na visão funcionalista, **bem aí** deve ser compreendida como função que a forma linguística desempenha no ato comunicativo, ou seja, no discurso do dia - a-dia do falante.

Ressaltamos que as funções discursivas encontradas no elemento linguístico **bem aí** não se esgotam nas que destacamos, podendo ser ampliadas a depender de outros dados coletados em pesquisas posteriores.

Com essas reflexões, pretendemos demonstrar a diferença do valor inicial do objeto em estudo no que diz respeito ao processo gramaticalizado, ou seja, no processo discursivo os indivíduos fazem uso dessa construção em situações discursivas distintas que permitem compreender os efeitos de sentido que a construção apresenta certas funções que possibilitam a interação comunicativa. Ademais, julgamos necessário enfatizar o recurso do **bem aí** como elemento de referência catafórica capaz de enfatizar parte do discurso enunciado posteriormente ao seu uso.

Supomos que a determinada pesquisa sobre o fenômeno linguístico o **bem aí** está longe do fim em razão de concebermos a linguagem como um instrumento de interação social que vai além dos domínios sintáticos e lexicais, envolvendo, pois, aspectos pragmático-discursivos. Diante disso, como afirma Hopper (1991) outras formas linguísticas poderão surgir no uso empírico da língua, podendo ser vista por outras funções e valores que podem determinar mudanças discursivas pelas questões pragmático-discursivas.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Anderson Monteiro; MATOS, Denilson Pereira de. O advérbio em português: olhares sobre uma categoria ainda em processo de definição. In: ARNOUX, N.;ROCA.M.P. **Del Espanol y el Portuguê: lenguas, discurso, enseñanza..** João Pessoa: Editora da UFPB, 2013.

BOMFIM, Eneida. **Advérbios**. São Paulo: Editora Ática S.A,1988. p.37-41.

CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley F. Luís **Nova Gramática do português contemporâneo**. 5º edição. Rio de Janeiro: Lexikon, 2008.

FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica. Funcionalismo. In. MARTELOTTA, M.E. (org). **Manual de Linguística**. 2º Edição. São Paulo. Contexto, 2011.

_____ ; COSTA, Marcos Antonio; CEZARIO, Maria Maura. Pressupostos teóricos fundamentais. In: FURTADO DA CUNHA; M.A; OLIVEIRA, M.R; MARTELOTTA, M.E.(orgs). **Linguística funcional: teoria e prática**. São Paulo: Parábola editorial, 2015.

GONÇALVES, Sebastião Carlos Leite; CARVALHO, Cristina dos Santos. Critérios de gramaticalização. In: GONÇALVES, S.C.L; LIMA-HERNANDES, M.C.; CASSEB-GALVÃO, V.C. (orgs).**Introdução à gramaticalização: princípios teóricos e aplicação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

_____ ; LIMA-HERNANDES, Maria Célia; CASSEB-GALVÃO, Vânia Cristina; CARVALHO, Cristina dos Santos. Tratado geral sobre gramaticalização. In: GONÇALVES, S.C.L; LIMA-HERNANDES, M.C.; CASSEB-GALVÃO, V.C. (orgs).**Introdução à gramaticalização: princípios teóricos e aplicação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007

KENEDY, Eduardo; MARTELOTTA, Mario Eduardo. A visão funcionalista da linguagem no século XX. In: FURTADO DA CUNHA, M.A; OLIVEIRA, M.R; MARTELOTTA, M.E.

(Orgs.). **Linguística Funcional: teoria e prática**. Rio de Janeiro: Parábola editorial, 2015, p. 13-15.

ROCHA LIMA, Carlos Henrique da. **Gramática Normativa da Língua Portuguesa**. 51ª edição. Rio de Janeiro. José Olympio, 2013.